

PARA QUE A OBRA DO MORALISTA SEJA CONVINCENTE, PRECISO SE TORNA QUE ELE USE NAS ACÇÕES QUE PRÁTICA A MESMA NOBREZA QUE EMPREGA NO QUE ESCRIVE.

Celeste Harrison

A VOZ DE LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



(Preço avulso: 5\$00) N.º 714
ANO XXVII 15/2/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Caricatura actual

— A multidão acéfala

O que é uma caricatura?
É um desenho ou esboço onde os traços característicos são proporcionalmente ampliados, ou reduzidos, ao «rocambulesco» e à inverosimilhança.

A caricatura joga com o humor e, se não consegue atingi-lo é uma disformidade sem nexo, como um «mamarracho» por exemplo, que é uma produção de fanfaria, falho de qualquer pilhéria e significativo acerto.

A caricatura pode também não ser apenas uns esboços, garantidos pela picardia satírica do desenhista.

Pode ser, portanto, um simples epigramático. Pode ser até uma atitude e, o que é pior, um padrão de comportamento em que os exageros picarescos constituem nota dominante.

Têmo-los visto pela vida fora e, tão certo como até aqui, jamais faltarão para acentuar a versatilidade humana e, mesmo, a sua impressionante tacahez, idiotia e estultícia.

A caricatura, porém, não é exclusiva do indivíduo ou de determinada entidade, também poderá ser de uma multidão acéfala, que age e reage impulsivamente, incapaz de se controlar, de discernir com coerência e consciência.

A multidão, ao contrário do que muita gente julga, pode estar dispersa, mas o que neste caso a

identifica será a credulidade fácil com que acolhe, por carência de percepção crítica, as opiniões postas a circular.

Nesta nossa actualidade, tão necessitada de cidadãos responsáveis, de corpo e alma inteiros, somos forçados a admitir que abundam as caricaturas em demasia, mais preocupadas com o supérfluo do que com o essencial. Mais prontas a auscultar os «falsos messias» do que os autênticos, mas judiciosos próceres. Mais inclinada a aceitar

(continua na pág. 2)

PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Na nossa crónica anterior afluíramos, ainda que muito sumariamente, as rendas de casa como um dos mais sérios e pesados componentes dos orçamentos domésticos, mormente os de mais modestos proventos.

Hoje, vamos procurar falar do «Problema de Habitação» nos seus múltiplos e variados aspectos embora o assunto já tenha sido analisado e discutido por estudiosos na matéria. Mas, neste, como em tudo, nunca é demais falar, repetir e repisar, pois lá diz o ditado que «Água mole em pedra dura tanto bate até que fura».

(continua na pág. 5)

De vento em popa o Carnaval de Loulé

Aos poucos e poucos, mas seguramente, o Carnaval de Loulé/79, está nos bastidores a ensaiar os seus passos.

Na devida oportunidade, quando chegar o Entrudo, assomará à ribalta para dizer como é e como vai ser.

Até lá, porque ainda não se esgotaram os preparativos, não

faltarão que fazer aos promotores, já experientes em anteriores edições e que desta feita não de porfiar para, se possível, pôr, a suplantar em aparato e animação.

Este ano, o capítulo animação, por exemplo está a merecer cuidados e atenções particulares, pois, não será apenas o desfile

(continua na pág. 5)

Galeria das tradições musicais de Loulé

Banda da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva

Conquanto a Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva (vulgo «Música Nova»), embebo raízes fundas no Loulé-Antigo, ainda permanece viva, presente e actuante no Loulé dos nossos dias, como manifesto peremptório de vitalidade e apego arrojado às tradições de cultura musical popular.

Nesta galeria de recordações,

toma lugar uma foto da mencionada Banda e respectivos Membros Directivos, datada de 1936:

1.º plano, sentados (da esq. para a direita) — José Pedro, João Floro, José da Conceição e Manuel Ducla

2.º plano, sentados — Joaquim Silvestre A. Guerreiro, António Luís dos Ramos, Dr. Maurício

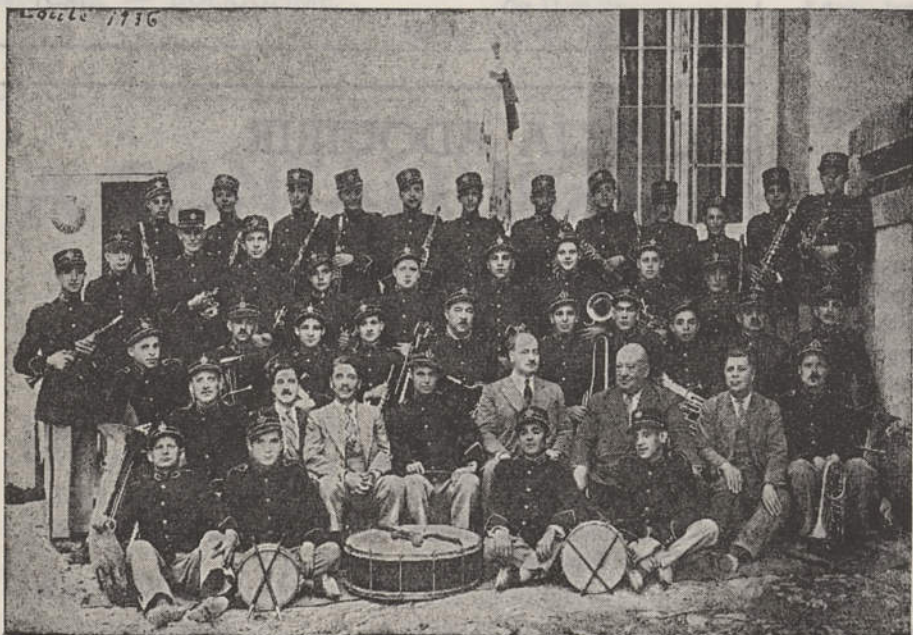
Monteiro, Jaime Camões Pais (regente), Dr. Joaquim Magalhães e Silva, Dr. Frutuoso da Silva, Manuel Rodrigues Guerreiro e José Vazinho.

3.º plano, sentados — Júlio Coelho, Francisco Silvestre, Gentil Seruca, João Chabuná, Sezinando Sousa Martins, José Sopa, Adelino Nascimento, João Fari-

nha Jr., António Filian Matias e João Farinha.

4.º plano em pé e sentados — António Júlio Silva, Joaquim António Pires Jr., Manuel Martins da Cruz (Manuel do Monte), Ricardo da Piedade, José Viegas Justo, Edmundo da Silva, José Duarte Neves, João Cativo e José Avila.

5.º plano, em pé: Manuel Agostinho, José Martins Rainho, Álvaro Faísca Angélio, António Martins Garrocho, Joaquim Pires Guerreiro, Manuel Mendes Coelho, José Garrinha, Manuel Martins, Joaquim do Nascimento, Abel Gema, Joaquim Rainha e Domingos das Neves.



UNIVERSIDADE DO ALGARVE: — realidade difícil

Aprovada pela Assembleia da República no início desta semana, a criação da Universidade do Algarve surge, segundo responsáveis do MEIC desligada das realidades nacionais e condenada a não ser mais do que um projecto no papel durante alguns anos.

O diploma relativo à criação desta unidade de ensino universitário impõe à Comissão Instaladora, a nomear pelo MEIC, que apresente a este Ministério no prazo de um ano a proposta de estruturação, instalação e planos de cursos. Para a elaboração desta proposta, diz ainda o diploma, a Comissão Instaladora deverá ouvir a Assembleia Municipal de Faro.

Em 1978 o sector da Educação obteve do Orçamento Geral do Estado 26.260,2 milhares de contos que foram dispendidos essen-

cialmente em despesas normais do sistema educativo em funcionamento. Na realidade, apenas algumas inovações foram introduzidas nesse sistema.

Para 1979, segundo fontes particularmente bem informadas a

(continua na pág. 2)

Por onde anda o bom senso?

A propósito da controversa Lei das Finanças locais, que desencadeou uma espécie de guerrilha no Algarve, temos, num jornal algarvio, que «As Autoridades Governamentais pretendem res-

(continua na pág. 8)

Quem pretende aniquilar o turismo algarvio?

Assim como o Alentejo é um feudo do P. C., assim o Algarve é um feudo do P. S.

Talvez ainda muitos algarvios não tenham tido vagar para pensar nisso, mas esta é a verdade demonstrada pelas últimas eleições.

Para se chegar a esta conclusão basta reparar que, das 16

Câmaras só um Presidente não é P.S.. Dos 9 Deputados à Assembleia da República, 6 são P. S. e até o Governador Civil de Faro também é do P. S.. Logo, portanto, o P. S. sente-se no Algarve «como peixe na água» e daí o pretender interpretar a Lei das Finanças Locais da maneira co-

(continua na pág. 2)

QUER ACOMPANHAR-ME?... (PARENTÉTICO)

Hoje não venho convidá-lo para qualquer visita a igreja ou monumento, embora não considere encerrada essa secção mas simplesmente suspensa.

Venho apenas, e sem sair da tribuna em que uma vez apareci, chamar amigavelmente a atenção para uma impropriedade de

(continua na pág. 4)

Desorganização Turística no Algarve?

EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA REALIZADA EM LISBOA NO DIA 6, AS ASSOCIAÇÕES DE HOTELARIA DO ALGARVE ADMITIRAM PODER CHEGAR A UMA POSIÇÃO EXTREMA PARA FAZER PREVALECER A EXISTÊNCIA DA C.R.T.A.: NÃO ENTREGAR O IMPOSTO DE TURISMO.

Quem pretende aniquilar o turismo algarvio?

(continuação da pág. 1)

mo lhe convém e esquecendo-se de que o P. S. já não é governo.

E mais importante do que esquecer é pretender deturpar a interpretação de uma Lei da qual só se extraem as alíneas que convém realçar.

Efectivamente, a Lei das Finanças Locais (Lei n.º 1/79, de 2 deste mês) prescreve no art.º 5.º, alínea a) que «constituem receitas fiscais a arrecadar pelos municípios» «a totalidade do produto da cobrança» do imposto de turismo, entre outros. E estabelece no art.º 6.º «um período transitório máximo de 2 anos, para a transferência da liquidação e cobrança dos impostos de turismo e incêndio sem soluções de continuidade».

Assim sendo, o dr. Camarato diz que daqui para o futuro «o imposto de turismo ficará na totalidade nos municípios que o cobram, arrecadando-o». E nem haverá lugar no Algarve a qualquer «período transitório para a transferência da liquidação e cobrança» do mesmo imposto porque ele é já cobrado pelas Câmaras.

O que, segundo o art.º 3.º da Lei das Finanças Locais, constitui «receita municipal» é — além do produto de taxas, multas, heranças, alienações, empréstimos, derrames, etc. — não só uma certa «participação nas receitas fiscais». Participação, nada mais. As Câmaras cobram a totalidade do imposto de turismo, mas ficam para si, a título de receita municipal, apenas com parte dele.

Com que parte, concretamente, esse é um ponto que a Lei n.º 1/79 não resolve, remetendo, conforme é normal, para regulamentação posterior (art.º 26.º: «O Governador promoverá a publicação ou decreto-lei das disposições necessárias à execução desta lei»).

O Sr. Governador procura impressionar com a palavra «arrecadado». As Câmaras arrecadam o imposto de turismo, logo ficam com ele. Mas «arrecadado» não é «meter no bolso». «Arrecadado» é «recolher» ou «guardar». Os funcionários que nos autocarros ou nos comboios nos cobram os bilhetes não ficam para si com o dinheiro correspondente, não o «metem no bolso». «Arrecadam-no» sim, guardam-no no momento da cobrança para o entregar depois a quem de direito, a Carris ou a CP.

Quem de direito que, no caso do imposto de turismo no Algarve, é, enquanto disposições legais inequívocas nada ditarem em contrário, o órgão legalmente encarregado de dinamizar o turismo, isto é, a Comissão Regional.

Criada por Decreto-Lei de Março de 1970, a Comissão Regional de Turismo do Algarve viu decidida a sua reestruturação em me-

dos de Novembro, no último Conselho de Ministros presidido pelo eng.º Nobre da Costa. Reestruturação que, como então se anunciou e nos termos do preâmbulo do diploma que a contém, se destina a fornecer-lhe «instrumentos legais adequados a uma actividade mais ampla e fecunda» e a «uma mais dinâmica operacionalidade».

Concretamente permite-se a delegação na CRTA de «competências até agora pertencentes em exclusivo à Direcção-Geral do Turismo»; e alarga-se, esclarecendo «dúvidas que estavam em aberto», a sua capacidade «de intervir na fiscalização da liquidação e cobrança do imposto de turismo», questão aliás, «não despendendo se se tiver em conta que este imposto é, praticamente, a única fonte de receita a financiar o vasto conjunto de actividades» de que está incumbida.

A recente decisão do Governo em reestruturar a C.R.T.A. baseou-se essencialmente no reconhecimento e na necessidade de fazer aumentar as suas receitas, através de uma mais eficaz fiscalização sobre «facturas, recibos e demais documentos», para assim a C.R.T.A. poder dinamizar ainda mais a sua actividade em prol de desenvolvimento turístico duma região que continua atraindo as atenções gerais de quem pode

gozar as suas férias neste paraíso à beira mar plantado.

Daqui facilmente se conclui que a C.R.T.A. precisa continuar a actuar com mais força, mais poder, mais eficácia e mais dinheiro.

Considerando que se pretende aniquilar tudo isto, é caso para perguntar se ainda há quem continue a pensar que «o turismo é a prostituição do Povo».

O turismo dos nossos dias é coisa complexa demais e demasiado séria para complicar ainda mais a vida das Câmaras do Algarve, já assoberbadas com tantos e tão intrincados problemas.

Por isso as Câmaras do Algarve e o sr. Governador Civil de Faro devem deixar tratar dos problemas de turismo os homens que percebem e vivem do e para o turismo.

E a C.R.T.A. já tem dado sobejas provas da sua capacidade técnica e operacional. Ela continua a impôr-se e a prestigiar-se pelo que já fez e projecta fazer a nível local, nacional e internacional.

Não somos só nós a reconhecer o mérito da sua acção. Muito mais importante de que a nossa opinião é a das pessoas ligadas ao turismo do Algarve, as quais estão apoiando inteiramente a linha de rumo seguida pela C.R.T.A. e que visa, essencialmente, a promoção e o desenvolvimento turístico do Algarve.

Universidade do Algarve: realidade difícil

(continuação da pág. 1)

dotação orçamental da Educação tem estado a ser discutida centavo a centavo, esperando-se que a verba a acordar seja a estritamente necessária para a manutenção do esquema vigente. Além disso, tudo leva a crer que a mesma contracção orçamental se verifique no próximo ano. Por outro lado, tem vindo a ser sistematicamente referido pelos responsáveis do MEIC que, em Portugal, existe um elevado número de licenciados comparativamente com o de indivíduos formados em cursos do Ensino Superior de Curta Duração, apontando a actual estratégia da Educação para o desenvolvimento e implantação de unidades desse tipo de molde a satisfazer as necessidades reais do País em técnicos e quadros médios.

Outro ponto também fundamental neste contexto é o insuficiente número de doutorados dedicados ao Ensino Superior sublinhando-se a urgente necessidade da sua formação.

O ALGARVE NO CONTEXTO NACIONAL

Deste modo no contexto nacional seria defensável que no Algarve funcionassem Escolas do Ensino Superior de Curta Duração, orientadas para a formação de pessoal nos sectores das Pescas e Turismo bem como suas actividades subsidiárias. A criação de uma universidade implica um dispendio de verbas, actualmente inexistentes e a deslocação de professores, também inexistentes.

Evidentemente que a AR poderia pressionar no sentido de haver dotação orçamental necessária e suficiente para o arranque da Universidade em 1980. No entanto isso não solucionaria as necessidades ao nível do número de docentes. Também é evidente que essa solução poderia vir através da entrega das cadeiras a assistentes supervisionados por profes-

sores visitantes. Mas também é evidente que seria mais uma «solução coxa» sobretudo tendo em atenção que os docentes universitários se têm batido pelo trabalho em tempo inteiro (ou mesmo exclusivo).

Assim, e a menos que a Universidade do Algarve se destine a promover a cultura a nível universitário no distrito tudo parece desaconselhar a criação de um estabelecimento de ensino com aquele nível académico.

Em termos de rentabilidade há mesmo quem defenda que seria mais barato ao Estado conceder bolsas de estudo aos estudantes que viessem a ingressar na Universidade, de modo a custear-lhes as despesas inerentes a uma deslocação para longe da família, que pagar construções escolares, professores, etc., para um estabelecimento de ensino cuja frequência não seria muito elevada.

A verdade é que 1980 está à porta e que nenhum partido com vocação eleitoral iria votar contra um projecto visando desenvolver a cultura a nível universitário num dado local, o que no contexto actual português, na opinião de personalidades responsáveis do MEIC, não parece ser a forma mais indicada. Esta questão agita-se ainda se tivermos em conta a existência de projectos semelhantes para a Beira Interior e outros locais da província.

De «O Expresso»

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

A multidão acéfala

(continuação da pág. 1)

de ânimo leve, a lisonja barata, por vezes o mito demagógico, o fachadismo e os «slogans» publicitários e políticos, pomposos e gongóricos, do que as discretas e circunspectas prevenções e os exemplos esclarecidos.

É certo que há «multidões» e multidões, e que afinal aquilo que as define é o tecido social orgânico que as constitui.

E neste preciso pé há que tabelar as correspondentes distinções.

Naturalmente, são as «multidões», formadas por um público incauto, mal informado, deficientemente mentalizado, e predisposto ao derrotismo que, neste entrecoto, logram involuntariamente virar «caricatura».

Mas atenção.

Atenção, por outro lado, aos «manipuladores» e «auto forjadores» do humor e da sátira.

Há uma linha divisória vencedora, que separa o humorismo do boicote, sinónimo de escárnio, injúria e zombaria.

Bernard Shaw, escritor irlandês de nomeada e Gilbert Chesterton, filósofo católico inglês, cada um a seu modo, sabiam brandir magistralmente o senso epigramático,

mas, como avisados que eram, acantonavam-se nos limites de razoável, porquanto não ignoravam que o riso ou o sorriso, provocados para além do conveniente, eram paralelamente demolidores.

Compreenderam-no diabolicamente Hitler e os seus acólitos, pois para afastar do seu caminho adversários poderosos e de consolidada reputação, começavam primeiro pelo boicote burlesco, que descambava no descrédito final.

Cuidado com as involuntárias e espontâneas «caricaturas», nomeada e especialmente as de índole social...

Não resvalem elas por presunção ou frivolidade no... «mamarahô», escarnecido pela irrisão pública.

J. C. VIEGAS

LOULÉ



AGRADECIMENTO

SEBASTIÃO DOS SANTOS (Barbeiro)

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas e todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu agradecimento a quantos exprimiram os seus sentimentos de pesar, assim como a todos aqueles que acompanharam o saudoso extinto à sua última morada.

FAMEL - ZUNDAPP

A GRANDE VENCEDORA DOS CAMPEONATOS

NACIONAIS DE 76, 77 E 78!

Motorizadas FAMEL - ZUNDAPP

um conjunto de confiança!

FAMEL — ÁGUEDA

(8-2)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

DESEJA ADQUIRIR UMA CASA PARA HABITAÇÃO?

INSCREVA-SE NA COOPERATIVA NACIONAL DE HABITAÇÃO «A COOHABITA»

CONSTRUÇÃO SEM LUCROS AMORTIZAÇÃO SEM JUROS

Informações na Casa Luauto, Lda., na Av. José da Costa Mealha, n.º 37 — LOULÉ.

(3-3)

Desporto é notícia

● JUDO

CAMPEONATO DISTRITAL DE JÚNIORES

Com organização do Sport Faro e Benfica, Associação de Judo do Algarve e Direcção Geral de Desportos, decorreu em 3 de Fevereiro passado, no Pavilhão do Ciclo de Faro, o Campeonato Distrital de Equipas de Séniores. A classificação ficou assim apurada:

- 1.º — Sport Faro e Benfica
- 2.º — Juventude Sport Campinense
- 3.º — Raca! Silves.

Os troféus distribuídos foram oferecidos pela Sumol, Plasfilme e Clok.

No dia 28 de Janeiro último, no Pavilhão do I. S. E. F., em Lisboa efectuou-se o campeonato nacional inter-associações juvenis (2 escalões), no qual participaram oito associações.

A Associação de Judo do Algarve classificou-se em 3.º lugar.

A equipa representativa da Associação algarvia era constituída pelos seguintes elementos:

Rui Costa e João Paulo, ambos do Quarteirense; Sérgio Pereira, do Naval; Fernando Martins, do Raca!; e Cadete do J. C. Portimão.

● ANDEBOL JUVENIL FEMININO PROMOVIDO PELO QUARTEIRA SPORT CLUBE

Com vistas ao Campeonato Distrital da modalidade, o Quarteira Sport Clube, encetou encontros preliminares da sua equipa de juvenis feminino de andebol, que têm como objectivo a sua preparação.

Nas partidas já realizadas o comportamento da aludida equipa traduziu-se como segue:

- Em Silves, a 22-1-79, Raca! 3-Quarteira 9;
- Em Quarteira, a 27-1-79, Quarteira 17-Raca! 2.

● CAMPEONATO DISTRITAL DE BASQUETEBOL FEMININO ORGANIZADO PELO INATEL

Encontram-se abertas e encerram a 20 do corrente as inscrições para o Campeonato Distrital de Basquetebol, Feminino, organizado pela Delegação do INATEL, em Faro.

Os centros interessados, deverão apresentar até à data limite os seguintes documentos:

VENDE-SE

Uma mula e uma carroça com todos os apetrechos (em bom estado).

Tratar com: Agostinho Martins Cavaco — Sítio da Maritenda. — BOLIQUIME.

(2-2)

A CONTABILIDADE É NECESSÁRIA

TÉCNICO DE CONTAS, COM 15 ANOS DE INSCRITO E IDÓNEO PARA ORGANIZAR E DIRIGIR NÃO APENAS PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE, MAS TAMBÉM ASSUNTOS FISCAIS E ESTATÍSTICOS. DISPÕE DE ALGUM TEMPO LIVRE.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 41.

Mod. 112 (Individual), devidamente preenchido e assinado.

Mod. 112-A (Colectivo), devidamente preenchido e assinado. Cartão de Sócio do INATEL actualizado, ou documento que o substitua referente a cada elemento inscrito.

Declaração médica colectiva comprovativa da robustez física para a prática de desportos por parte de todos os elementos inscritos.

Quaisquer informações complementares podem ser solicitadas durante as horas normais de expediente (9.30-12.30 e 14 às 18 horas) à citada Delegação, sita na Travessa Castilho, 35-2.º, em Faro, telef. n.ºs 23121 e 24148.

A Voz de Loulé, n.º 714 de 15-2-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Proc. n.º 9/79-2.º

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Correm éditos de 6 meses, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando José Correia Labisa, viúvo, ausente em parte incerta da Argentina desde 1926, que residia no sítio dos Corregos de Santa Luzia, S. Clemente, Loulé, para, no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de findo aquele dos éditos, contestar a acção especial que lhe movem Maria Correia Labisa, casada, doméstica, e José de Sousa Labisa, casado, agricultor, ambos residentes em Corregos de Santa Luzia, S. Clemente, Loulé, os quais pedem seja declarada a morte presumida do citando, com fundamento na sua ausência.

Correm também éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para, no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de findo o dos éditos, contestarem a referida morte presumida de José Correia Labisa.

Loulé, 5 de Fevereiro de 1979.

O Escrivão de Direito, João Maria Martins da Silva

Verifiquei: — O Juiz

de Direito,

Mário Meira Torres Veiga

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-105, de folhas 22, v.º a 24, v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Joaquim Silvestre Correia e mulher, Maria das Dores Correia, residentes nesta villa, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Rústico, constituído por uma courela de terra de semear, com árvores, no sítio de Barreiras Brancas, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, confrontando actualmente do norte com Maria da Encarnação Faísca, e dos restantes lados com eles justificantes, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial — em nome dele justificante varão — sob o artigo número quatro mil novecentos e seis, com o valor matricial de quinhentos e oitenta escudos, a que atribuem o de cinco mil escudos;

Que este prédio lhes pertence, por haver sido comprado pelo varão, a José de Sousa Caligo Júnior, e mulher, Rosa Mendes da Conceição, residentes no sítio de Cabeceira de Apra, freguesia de São Clemente, deste concelho, pelo preço de cinco mil escudos, através da escritura lavrada em vinte e sete de Junho de mil novecentos e setenta e cinco, a folhas cento e quarenta e cinco, verso, do livro número A-oitenta e três, de notas para escrituras diversas, deste Cartório;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, a verdade, porém, é que os transmitentes, os aludidos José de Sousa Caligo Júnior e mulher, eram na data da citada escritura de vinte e sete de Junho de mil

novecentos e setenta e cinco, donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrem, do prédio supra descrito e então vendido, pelo facto de, o mesmo haver sido adquirido pelo varão, a Joaquim de Sousa Caligo e mulher, Maria das Dores Rosa, que foram residentes no sítio da Vale de Ungel, da referida freguesia de São Clemente, em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e quarenta e quatro, pelo preço de duzentos escudos e por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo,

Que desde a referida data, sempre os transmitentes, os aludidos José de Sousa Caligo Júnior e mulher, passaram a possuir o prédio supra descrito e então vendido, em nome próprio e sem a oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data em que o venderam a ele justificante varão, através da citada escritura de vinte e sete de Junho de mil novecentos e

setenta e cinco, também já o haviam adquirido por usucapião.

Que em face do exposto não têm eles justificantes possibilidade de comprovar o direito de propriedade perfeita, dos aludidos transmitentes, José de Sousa Caligo Júnior e mulher, sobre o prédio supra descrito, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 2 de Fevereiro de 1979.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

Encontrado o cadáver de um criminoso presumivelmente assassinado

Foi encontrado numa praia pertencente à zona de Quarteira o cadáver do cadastrado Manuel Sereno Rodrigues, que se evadira da cadeia de Coimbra, onde cumpria a pena por diversos delitos cometidos, entre os quais a participação com um bando armado no assalto a um carro celular das Cadeias Centrais de Lisboa e posteriormente outros assaltos, cuja presença foi assinalada.

O cadáver, do referido indivíduo, apresentava a cabeça esmagada, pelo que se presume ter sido assassinado.

ADMITEM-SE

Aprendizes Electricistas do 1.º e 2.º ano. Montagens eléctricas.

Resposta a este jornal ao n.º 40.

(3-2)

CARIMBOS

Executam-se na

GRAFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa

Telef. 62536 — LOULÉ

A TÉCNICA ESTÁ AO SERVIÇO DA AGRICULTURA PARA A TORNAR MAIS RENTÁVEL

Por isso os agricultores devem contactar com os técnicos da LUSOVEMA para melhor se aconselharem a resolver os seus problemas de águas.

Temos: Grupos electrobombas de alta e média pressão, bombas elevatórias para construção civil, submersas, verticais e horizontais e também novidades em aparelhagem para captação e tratamento de águas. Material eléctrico.

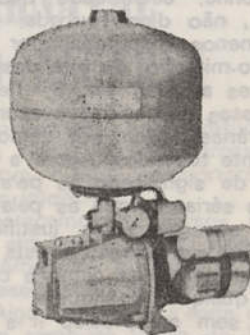


Faça uma visita às instalações da

LUSOVEMA

Av. Marçal Pacheco
Telef. 62233

(Urbanização Sul)
LOULÉ



Sede em Lisboa:

Av. João XXI, 6-r/c, Dt.º — Telef. 889125/6

(5-4)

Trespasa-se

Estabelecimento de artigos de criança. Motivo à vista.

Tratar pelo telefone 62437 — LOULÉ.

COMPRO

Ouro, pratas, relógios de bolso antigos e moedas. PAGO BEM.

Ouriversaria Diniz — Telf. 65527 — QUARTEIRA.

(12-5)

Profissionais do Turismo Algarvio apoiam existência da C.R.T.A.

Em reunião realizada em Lisboa, no Hotel Embaixador, no dia 6 do corrente, os representantes do sector turístico do Algarve (Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve, delegação da APAVT, Industriais de «Rent-a-Car», Profissionais Regionais do Algarve, directores de hotéis, recepcionistas dos hotéis do Algarve e Barmen de Portugal) deram a conhecer, entre outros documentos, um parecer jurídico do Contencioso da Associação dos Industriais Hoteleiros do Algarve, no qual se recorda a certa altura que «as Comissões Regionais de Turismo estão organizadas em termos de permitirem uma adequada participação das várias organizações locais interessadas no fenómeno do turismo, sem perder nunca de vista que são as pessoas ligadas de perto à actividade que a devem conduzir».

No entanto, aproveitando a recente Lei das Finanças locais e deturpando os seus objectivos, certas forças políticas movimentaram-se no sentido de inventar razões para provocar a extinção da C. R. T. A. ou, pelo menos, torná-la dependente dos órgãos autárquicos.

O que acontece, porém, é que estes «não vêm muito para além das suas próprias fronteiras e o turismo é uma actividade avassaladora de fronteiras. O administrador municipal não poderá nunca ter o sentido, a visão e a vocação tendencialmente universalistas que o turismo tem».

Durante esta conferência de im-

prensa foi acentuado que o governador Civil de Faro tem pressa em acabar com a C. R. T. A., pois está pressionando as Câmaras para deixarem (já) de entregar as verbas obtidas pela cobrança do Imposto de Turismo a uma entidade que tem vindo a desenvolver uma acção altamente dinâmica e benemérita em prol do Turismo algarvio e para o qual está naturalmente vocacionada.

Por isso, as associações do sector entendem que a aplicação de parte do Imposto de turismo continua a caber ao órgão turístico competente e «quanto nova lei não dispuser em contrário, na proporção que foi oportuna-

tunamente definida e vem sendo praticada».

Ao usar da palavra, o Dr. Carlos Ganho esclareceu vários aspectos do problema e considerou ser indispensável que o Secretário de Estado e a Direcção de Turismo definam claramente as suas posições sobre o assunto, pois é inaceitável transformar a C. R. T. A. num órgão intercamarário.

De resto, se as Câmaras já têm tantos problemas por resolver, como poderia cada uma passar a fazer turismo a seu belo prazer e desordenadamente, de um todo que é o turístico Algarve?

Por favor não matem a galinha dos ovos de ouro...

A IMPRENSA EM TRIBUNAL

Por supostas injúrias às Forças Armadas (as quais serviu com dedicação) foi acusado de crime de abuso de liberdade de imprensa, o oficial do Exército e nosso colaborador sr. Coronel Carlos de Oliveira, que há dias respondeu, tendo sido absolvido como autor do artigo que publicou num jornal regional e que intitulou «As F. A. são instituições nacionais».

Também a conhecida e corajosa jornalista Vera Lagoa foi recentemente absolvida no Tribunal da Relação do Porto, em acórdão que revogou a sentença da Primeira Instância, que condenava a

directora de «O Diabo» num processo movido pelo intocável Conselho da Revolução e considerado injurioso para o conselheiro Antunes.

... Entretanto estão sendo preparados novos julgamentos para Vera Lagoa.

Foram igualmente absolvidos os jornalistas António Ramos e José Vancondeus, ambos acusados de injuriar o Conselheiro da Revolução Vasco Lourenço.

O Tribunal da Boa Hora absolveu os réus por considerar que se «limitaram a exercer o seu direito e a cumprir a sua função de jornalistas».

FACTOS E NOTÍCIAS

A ESTRADA DO PARRAGIL

Encontra-se, mais uma vez, em lastimável estado o troço de caminho que liga a localidade do Parragil à estrada Loulé-Boliqueime, perto das pedreiras dos Matos, em virtude dos maus tratos infligidos pela chuva, e pela utilização das viaturas que por ali passam.

Um vez que se trata de uma distância bastante diminuta (a placa indica 1 Km) não se compreende porque razão ainda se não procedeu ao alcatroamento daquele caminho, que permanece desde há muitos anos em terra batida, e que amiúde fica cheio de buracos, autenticamente impraticável prejudicando assim os seus utentes, cada vez mais numerosos, e necessitando sempre de novo remendo. Ora, não seria muito simples remediar aquilo logo como deve ser?

O problema, de resto, coloca-se com mais acuidade, tanto quanto nos dizem ir iniciar-se ali a construção da nova escola primária, o que também já não era sem tempo.

Fica, portanto, aqui lançado o apelo às entidades competentes, no sentido de atenderem à justa reivindicação desta povoação da freguesia de S. Sebastião.

...E A DA PICOTA-ALFONTES

Igualmente lastimoso, é o estado em que se encontra o caminho que liga o alto da Picota a Alfontes, com passagem por S. Faustino.

E dizemos lastimoso, uma vez que, tendo o mesmo caminho sido preparado e empedrado, no

sentido de receber a curto prazo à consolidação pelo alcatrão, se assiste ao passar dos anos, e ao enterrar do dinheiro ali gasto, sem proveito minimamente aceitável.

É que o alcatrão não chegou a aparecer e as pedras que estavam consolidadas, encontram-se agora à solta, pela acção dos veículos e das chuvas. São visíveis autênticos montes de pedras, prejudicando a viação e colocando em perigo não só os utentes dos veículos, como propriamente a integridade dos peões, dada a velocidade com que, por vezes são projectadas as pedras de debaixo dos pneus em movimento, isto, já para não falar nas poeiras insuportáveis que se levantam e entram pelas casas situadas à beira do caminho.

Caminho que, continua, também ele, à espera que o promovam a estrada uma vez que já tem os «anos de serviço» e a «estatura» exigidas para os galões...

CAES À SOLTA

Autênticas hordas de cães vadios, percorrem hoje em dia, a vila de Loulé, outrora mais limpa deste tipo de poluição canina.

Os referidos canídeos que existem em todas as espécies, tamanhos e ferocidades, não se limitam a passear e a chafurdar nos baldes de lixo, mas têm inclusive, o mau hábito e a feia educação de se atirarem a quem desprevenidamente passa, e lhe ferir a qualidade magnífica das suas dentaduras.

Leitor assíduo chegou-nos por um destes dias à fala, para se queixar de um destes ataques, em pleno dia, e numa movimentada rua de Loulé. Contou-nos o referido leitor que seguindo de bicicleta a pedal, carregando uma tábua de madeira, pela Rua Margal Pacheco, foi inexplicável e surpreendentemente mordido por um cão vadio, o que lhe valeu a brindeira de dezassete pontos de cozedura numa perna, e a perda de um dia de trabalho.

Como o agressor não tinha coleira, nem qualquer identificação ou referência a entidade responsável, pergunta-se: quem paga a este homem o prejuízo sofrido?

De modos que, se a Câmara não tomar providências, e com todo o respeito que nos merece a Sociedade Protectora dos Animais, o menos que podemos alvitar, é que cada um se defenda como puder... ou então... compre um cão-policial...

PATRIMÓNIO HISTÓRICO

Lutando, não só contra um atraso de séculos, na recolha de elementos e testemunhos de carácter vincadamente histórico na nossa Vila, a Comissão Pró-Museu e Arquivo Histórico de Loulé, tem-se dado conta de que os colecionadores furtivos fazem desta localidade, e dos seus resquícios de antiguidade, um campo de acção para os seus ilícitos desígnios.

Assim aconteceu, muito recentemente, com um relógio de sol existente no Convento de Santo António (em ruínas irrecuperáveis), e voltou a acontecer, com uma lápide existente no Forte Novo de Quarteira.

E, enquanto a referida lápide ficou nas mãos do furtivo colecionador (a Comissão chegou com um dia de atraso...), o mar entretanto não perdoou, e deitou o centenário edifício por barreiras abaixo, levando consigo um belo portal manuelino, o qual, as brigadas municipais procuraram recuperar no meio dos destroços, se tal for possível.

Impõe-se cada vez mais, que se iniciem as obras da antiga escola Conde Ferreira, para que se proceda à instalação do Museu, ainda que a título precário e provisório, e deste modo se poder patentear à população, aquilo que alguns querem levar só para si!

JOSÉ MANUEL MENDES

QUER ACOMPANHAR-ME?...

(continuação da pág. 1)

linguagem que notei no nosso jornal. Ficou-me do tempo do ensino (foram cinquenta anos!) a pecha de não deixar escapar nenhuma sílaba e por isso peço desculpa ao prezado camarada de redacção, que acertada e brilhantemente preenche páginas de «A Voz de Loulé», desta cotovelada amiga, que não é principalmente para ele...

Há muito tempo que venho notando, um pouco na imprensa, mas sobretudo na Rádio e na T. V., o uso e abuso dum palavra que caiu em graça: «sofisticado», com um sentido encomiástico, laudativo, glorificador. Claro que não é só a esta palavra que acontece ser desviada do seu verdadeiro sentido, sem qualquer justificação. Não sei se isso faz parte da «democratização» da linguagem. Julgava que essa consistia só no emprego habitual de palavras de calão porco, desatadas a empregar com entono e devoção, de há certo tempo para cá, pelos nossos (?) escritores (?) e poetas (?), que parece que estavam cheios «daquilo» e que julgavam da essência do literato autêntico o uso de vocábulos do género daquele que celebrou Cambronne, celebridade que já lhe foi, não digo roubada, mas pelo menos disputada, por um primeiro-ministro, do alto das imponentes arcadas de S. Bento! Mas essas necessidades excretórias-literárias podem ser democraticamente toleradas. Agora a mudança de significado às palavras é mais séria. Porque as palavras têm a sua genealogia, justificativa da sua significação; e esta não muda levemente como a casa-de-qualquer-politiquete.

Ora, sem ser preciso ir a um bom compêndio de filosofia ou de lógica, os nossos bons dicionários dão à palavra «sofisticado» a equivalência de «falso». A raiz é o *sophistês* grego através do

latim *sophista*. O vocábulo grego a princípio era sinónimo de sábio (*sophos*), mas acabou por significar *impostor*, isto é, falso sábio. Tanto eles se descreditaram! E cá está a justificação semântica! Houve uma escola de sofistas, de que fizeram parte Górgias e Protágoras, que se exercitavam sobretudo em sustentar o pró e o contra em toda a sorte de questões e em resolver jogos de palavras. A palavra *sofista*, com o sentido actual, já aparece no século IV, principalmente em Aristóteles.

Cognato de *sofista* é *sofisma*, argumento falso ou falso raciocínio com alguma aparência de verdade, donde *sofismação*, *sofismar* e *sofismável*.

De *sofista* derivaram: *sofistaria*, *sofística*, *sofisticado*, *sostificador*, *sostificamente*, *sostificante*, *sostificar*, *sostificaria*, *sostifico*, *sostifique*, todos eivados de falsidade.

Digam-me agora, com toda a calma, porque se há-de chamar *sostificado* veículo de salvação ou seja falso ou falsificado veículo de salvação a uma máquina que julgo das mais pereitas do género existentes em Portugal, que é um melhoramento notável para a nova cidade (e é com imenso prazer que, não *sostificadamente*, dou este nome a Loulé) e com a qual não se pretende enganar ninguém?

Que responsabilidade têm os grandes meios de comunicação social, naturais modelos, que se seguem irreflexivamente, e nos podem levar a escrever o que não queremos!

Vamos chamar à escada «Magirus» «oportuna», «útil», «vistosaa», «rara». Os três primeiros adjectivos são incontestáveis. O último, para ser inteiramente verdadeiro, é preciso acrescentar-lhe «no país».

Isto de linguagem tem que se lhe diga e, se não decidimos limitar-nos, nunca mais se pára!

Álvaro de Valadares

NOTA DA REDACÇÃO:

As palavras acima anunciadas são ditadas pelo conhecimento e amadurecidas pelo bom-senso, que muito nos preza acentuar.

Para nós, que não desdenhamos de auscultar opiniões e perorações autorizadas, oferecemos o ensejo de divagar um pouco por domínios normalmente apartados duma banca de redacção, fortemente condicionada pelos factores tempo e premência, que não são, como se depreende, paradigmas tutelares de longa meditação.

Seria ilógico, para não dizer estulto, pôr em dúvida e rebater tudo quanto o prezado confrade das letras explicitou sobre a genealogia e último significado da palavra «sostificado».

Temos, portanto, de lhe dar razão, sem que com esta atitude nos sintamos diminuídos e susceptibilizados.

Ninguém é infalível, tal a verdade que nos compete reiterar, mesmo quando ela nos toca em particular.

Ao âmbito da Filosofia, o pensamento tem e deve expressar-se através de uma terminologia rigorosa, depurada de ambiguidades e paradoxos.

Não sucederá assim, tal qualmente, na linguagem corrente, de quando em vez terra-a-terra, dos *març-media*, que usam e por vezes abusam (é o caso vertente) de maior maleabilidade e menor austeridade verbais.

Sem que se pretenda defender o *solecismo* (no sentido de impropriedade), tentaremos explicar o motivo por que, se pode dizer de ânimo leve, empregamos, para adjectivar a escada «Magirus», o vocábulo «sostificado», em julgamento.

Também teremos de remontar ligeiramente às origens e ao tempo em que os sofistas, como «mestres de cultura», faziam da sabedoria profissão remunerada

e, se possível for, traçar ainda que superficialmente, a trajectória semântica subjacente.

Preliminarmente, os sofistas, como exegetas dos vates e bardos de antanho, dirigiram as suas reflexões para o homem, a virtude e o destino, retirando daí, em resultado dessa pesquisa, os respectivos ensinamentos e conselhos.

Foram, assim, os primeiros a atribuir valor formativo ao saber, elaborando, correlativamente, o conceito de cultura (*paideia*).

Sofistas houve, porém, que enfeudaram a sua mente e o seu saber aos mais poderosos e argutos, descambiando então o seu talento filosófico num processo especulativo, hábil e ardiloso, ao qual recorriam para persuadir ou vencer dialécticamente os seus oponentes.

Como corolário e como derivação semântica da «sostificação», ficou-nos o conceito: «processo de raciocínio subtil e enganoso».

Mas, atentos à questão, cumpramos aqui citação do «Dicionário de Termos Literários», de Harry Shaw (Publicações Dom Quixote).

Transcrevemos: «Sostificação implica adaptabilidade, discernimento, finura e capacidade de agir adequadamente em qualquer situação».

E, assim, chegamos ao ponto em que por afinidade e obediência talvez, levemente, ao mesmo raciocínio, ligamos ao termo «sostificado» à ideia omissa de que a escada «Magirus» era, por acepção, um equipamento versátil e, por tal motivo, de grande capacidade operacional.

Deste modo, julgamos ter fornecido uma achega explicativa que tenta justificar, tão-somente, mas... não convencer e desdizer.

J. C. Viegas

Manuel Sousa Pedro PROBLEMA DA HABITAÇÃO

A Casa Bancária de Francisco Martins Caiado foi o primeiro estabelecimento deste tipo que Loulé possuiu e o nosso conterrâneo prezado amigo e assinante Manuel Sousa Pedro foi das primeiras pessoas a exercer a actividade bancária em Loulé.

Nesse tempo havia um único estabelecimento e 3 funcionários. Hoje, Loulé, possui 5 unidades, com um total superior a 150 funcionários, muitos dos quais se associaram à homenagem que há dias foi prestada a Manuel de

Sousa Pedro por ter completado 40 anos da sua vida inteiramente dedicados à actividade bancária, sendo considerado o funcionário em mais longa actividade, sempre exercida com competência profissional e zelo, e simpatia pessoal, quer na Casa Bancária Caiado, assim como no Banco do Algarve em Loulé e em Portimão, de cuja Agência é gerente há alguns anos e portanto ainda antes da integração no Banco Português do Atlântico.

(continuação da pág. 1)
vez, que a falta de habitação, no nosso País, mal crónico que já ocorre de longe, agravado nos últimos anos com os Retornados das ex-colónias, toma foros de «tragédia nacional» — embora «baixos da lata» proliferem por países muito mais ricos do que o nosso — pois no dizer de «responsáveis» há cerca de 600 000 famílias carecidas de alojamento condigno, próprio para albergar seres humanos, vivendo grande parte deles em barracas, sórdidas mansardas, quartos, partes de casa, nas piores condições de higiene e conforto e na maior degradação moral.

Para obviar a este mal, com características endémicas e combatê-lo resolutamente, necessário se torna um esforço gigantesco, a nível nacional, que não pode ser resolvido só pelo Estado, pois este, além de não poder substituir-se às Empresas privadas, por falta de meios financeiros, não possui também estruturas adequadas e capazes. Daí, a necessidade da iniciativa se estender às empresas privadas, como sempre aconteceu, constituídas, também, por investidores, modestos construtores, alguns de haveres bem parcos, revitalizando, de novo, a indústria tão abalada, para sair do marasmo em que se encontra, causando prejuízos avultados e gravíssimos à Nação.

As cooperativas de habitação cabe, aqui, também, um papel relevante e decisivo a desempenhar pela sua função intrínseca, dinamizando e fomentando a construção para os seus associados, pro-

curando junto das entidades oficiais obter as facilidades que permitam o seu relançamento, colaborando, assim, nessa tarefa iminentemente nacional que é a de dar uma habitação capaz a quantos delas estão carecidos.

Mas, para que tais objectivos tenham concretização, para levar a cabo empreendimento de tamanho vulto, importância e projecção nacional forçoso é dispôr dos meios financeiros necessários à prossecução de tal iniciativa. Para isso, é forçoso a colaboração da Banca. Antes de 1974, grande parte da construção de edifícios destinados a habitação eram feitos com o recurso aos Bancos. Os construtores acabados os imóveis vendiam-nos e pagavam, ganhando o seu lucro que, diga-se de passagem, nalguns casos era exagerado, mas com riscos. Actualmente, tal possibilidade está fora de hipótese, pois os juros cobrados são incomportáveis. Daí a quebra tremenda verificada na construção de imóveis para tal fim, com reflexos a todos os níveis.

A compra de habitação é, nos nossos dias, um objectivo inacessível à maioria dos agregados familiares, tornando-se cada vez mais difícil a sua aquisição, pois o seu custo tem subido assustadoramente, mercê, como facilmente se depreende, da gravosidade da taxa de juros e de custo cada vez maior, dos terrenos destinados à construção.

Mas, mais do que isso, é indispensável disciplinar o «fenómeno» das rendas de casa com legislação adequada, honesta e com propósitos de restituir a confiança a quem quer investir: ricos, remediados, pobres, para tirar, evidentemente, desse emprego de capitais a justa compensação, pois muitas dessas economias, acumuladas ao longo dos anos, com o esforço do trabalho, suor e lágrimas, muitas delas, caso específico dos nossos emigrantes e de muitos outros que, o não sendo, têm mourejado no solo pátrio.

Não se podem permitir reivindicações desajustadas das realidades, nem demagogia absurda, grotesca e esmoralizadora contra aqueles que, honesta e honradamente conseguiram o seu pecúlio e o investiram na construção ou em bens imobiliários, na expectativa de assegurar uma velhice decente e digna que o Estado, até hoje, infelizmente, não lhes garantiu. E, não obstante esse facto comprovadíssimo através de apelos angustiantes, da prova mais que evidente, senão justificada, pelo sacrifício e sofrimento de cada um pela subida desmesurada da vida, as rendas de casa ou continuam pelos preços de outrora, desajustados de toda a realidade lógica ou tomam-se legal e ilegalmente astronómicas.

Não se pense que estamos a procurar defender interesses de quem quer que seja. Mas tão somente dos que injustamente estão a ser espoliados e ofendidos, por aqueles que nada fizeram na vida senão gozá-la o melhor que puderam e se reivindicam agora o direito de se ocuparem com os bens que outros conseguiram, sabe-se lá, à custa de quantos sacrifícios, de quantas vigílias, de quantas privações e canseiras.

Não defendo o senhorio ganancioso, especulador e explorador como não aprovo a atitude afrontosa do inquilino espoliador que simultaneamente explora o senhorio e hóspede, que ilegalmente aloja numa casa que não é sua, eximindo-se ao pagamento de impostos ao Estado, recebendo avultadas «luvas» por trespasses à revelia do senhorio, subornos, enfim todas as práticas correntes do mercado negro, num autêntico desafio à lei, com a complacência das autoridades.

Não defendo um Estado de direito que consente atropelos às leis, que congela rendas, permitindo outras que são verdadeiros atentados à moral e aos orçamentos domésticos, alguns bem diminutos.

Não concebo que a justiça que se apregoa, em defesa duma moral que, afinal, não existe, em face da constante e imparável subida da vida, ache natural e justo que aqueles que, com dificuldades enormes, investiram o seu dinheiro, não tenham direito a uma justa compensação.

Não concordo, nem alguém que se preze, sob pena de se negar a si próprio, o pode fazer, que se permitam rendas tão irrisórias que nem sequer dão para a conservação obrigatória dos edifícios e, pelo contrário, se consinta no pagamento de rendas exorbitantes que a maioria dos agregados familiares não podem suportar. Onde está a justiça? No meio está a virtude. É por isso que pugnamos. Que se encontre a solução justa, certa. Nem exploração que avilte, nem explorador que se ofendam.

Mas já dois governantes se propuseram estudar a regulamentação de tal assunto. Quis a afeimeridade que tal não acontecesse. Contingências do tempo. Caprichos dum destino cruel... Falta de coragem para enfrentar o problema... Receio de agradar ou desagradar...

Assim, é que as coisas não podem continuar. Dos 65 000 fogos previstos anualmente nem sequer metade se conseguiu. Não aprovamos a construção clandestina, mas temos de concluir que é um mal necessário, vindo provar a total incapacidade da política de selos. Mas ela existe, com consequências desagradáveis e, além do mais, asfixia as empresas organizadas que pagam os seus impostos a um Estado que os não defende, pois até estão proibidas de despedir o seu pessoal quando não têm trabalho. E a grande verdade é que quem tem dinheiro chama-lhe seu, deixando entrar no Banco, pois ali não dá chatices nem aborrecimentos e tira-se destes uma compensação razoável.

E não devemos esquecer a perturbação que a falta de dinamização do sector causa nas outras, várias, actividades do País, nomeadamente no desemprego, no equilíbrio do nível social e, sobretudo, no perspectivar de um futuro mais confiante para todos nós.

Montechoro, 21 de Janeiro de 1979.

G. C.

AMPLIADA A CAPACIDADE DO APARTHOTEL «AURAMAR»

O aparthotel «Auramar» em Albufeira, pertencente às Organizações Fernando Barata, está beneficiando de obras de ampliação que lhe propiciarão uma capacidade de acomodação para 500 pessoas.

As obras referidas estarão concluídas em Maio próximo.

O restaurante principal, do aparthotel, situa-se no bloco central a dois passos da piscina e do mar.

CARNAVAL NO ALGARVE

Proseguem os preparativos para a realização do Carnaval no Algarve, o qual comportará múltiplas iniciativas.

Destacamos os cursos a realizar em Loulé, Oihão, Montechoro (Albufeira) e Lagos.

Presença do Brasil no Carnaval Algarvio com a alegria de um bloco sambista vindo de Vitória (Estado do Espírito Santo) para actuar em Loulé e do conhecido artista João Soares, que se apresenta no Montechoro (Albufeira).

DE VENTO EM POPA O CARNAVAL DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

dos carros alegóricos e o «curso» que dominarão por completo o cartaz carnavalesco.

Os espectáculos de variedades, os bailes e colaborações prestimosas de grupos e conjuntos a incluir nos vários números do programa, irão assumir função relevante, também.

Sabemos que além de um bloco de inquietos ritmistas brasileiros, oriundos da cidade de Vitória, do Estado do Espírito Santo, estará presente o artista João Soares, bem conhecido dos portugueses, pela sua actuação como vedeta e protagonista do programa televisivo «Planeta dos Homens».

A sua presença será possível,

em face ao intercâmbio estabelecido entre as Câmaras de Loulé e Albufeira, que pela primeira vez, consciente da sua posição no contexto turístico decidiu, e muito bem, promover festas carnavalescas de parceria com esta Vila e outras localidades algarvias.

Sendo assim, conforme está delineado, o Carnaval de Loulé, granjeou um importante chamariz que vem reforçar o seu já atraente sortido de atracções, tão apreciadas e aplaudidas pelo público.

De resto o Carnaval de Loulé sendo como habitualmente indescritível, será um espectáculo de multidões.

Isto é, só visto é que dará justa medida dos seus atributos.



Mãe e filho: o presente e o futuro. Futuro que também nós ajudamos a construir, fomentando as poupanças e aplicando-as em investimentos produtivos.

Em todo o País, a Caixa Geral de Depósitos está presente, com a preocupação de servir cada vez melhor.



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
de novo na Praça da República, em
LOULÉ

CANTINHO DA CRIANÇA

SECÇÃO DE E PARA A CRIANÇA

O «Cantinho da Criança», sendo para ti, homem ou mulher de amanhã, inteiramente dedicado e, portanto, pertencendo-te em exclusivo, é o que tu quiseses que seja.

Isto é, o teu «Cantinho», neste jornal será tanto mais ou menos expressivo, consoante os préstimos da tua sempre bem-vinda colaboração.

Por hoje o «Cantinho» regista algumas «definições» (ou auto-definições e três poesias.

As «definições» e duas poesias («Criança» e «A Vida»), são da lavra de um grupo de alunos da Escola Preparatória de Faro, e «O Carrocel Superstar», da autoria da Dr.ª Idália Farinho Custódio, orientadora e compiladora desta tua secção.

E tu, pequeno leitor, se o não fizeste já, quando nos escreves?

J. C. Viegas

DEFINIÇÕES

«A criança é o símbolo da vida» — José de Sousa (12 anos).

«A criança é o resultado entre duas pessoas que se querem muito» — Luís Filipe Teixeira (11 anos).

«A criança é uma flor a crescer, que se abre para a vida conforme o sol que a aquece...» — Anónimo).

«A criança é a verdade da vida» — Júlio Manuel Sousa da Assunção (11 anos).

«A criança é a papoila mais viva e mais frágil que este mundo contém» — António Manuel Lopes (11 anos).

«A criança é uma pomba branca com olhos de esmeralda, um bico de ouro e asas que a liberdade lhe deu». — António Manuel Lopes (11 anos).

«A criança é um botão que se abre no fundo do coração». — Regina Maria da Piedade de Jesus (13 anos).

«A criança é a semente de um

mundo melhor; de um mundo de amor e de paz». — Jorge Manuel Pontes da Luz Sá (14 anos).

«A criança é o ser mais delicado da humanidade». — Paulo Renato Rodrigues Costa (14 anos).

CRANÇA

Criança!!!...
Sim, a criança,
será, sim, o futuro de amanhã!
Amanhã, será um povo independente!
Daremos volta ao mundo num instante...
A luz do sol iremos trabalhar.
A luz da lua iremos descansar.
E depois?
Não se preocupem!
Vamos pensar...

Regina M. da Piedade de Jesus (13 anos)

Emília Maria da Ponte Cruz (12 anos)

A VIDA

A vida
é uma pedra
solta numa praia.
O mar beija-a.
O sol aquece-a.
Mas quando há temporal
vemo-la aos baldões
por terras desconhecidas,
parando
em largo deserto
onde nada se sente
e nada se conhece...

João Alexandre dos Santos Manhita — (12 anos)

(Colaboração de alunos da Escola Preparatória de Faro)

O CARROCEL «SUPERSTAR»

(O carrocel faz avivar a imaginação das crianças: o desfile da bicharada é convívio amistoso e pitoresco — «tucá, tu-lá» — tão humanizado e tão característico do seu mundo).

Leões,
girafas e cães,
cavalos e tigres
dançam no ar musicado
o samba das crianças.

LOULÉ



JOSÉ FERNANDES
CARRUSCA

AGRADECIMENTO

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

EMPREGADAS DE MESA

Precisa-se para restaurante a abrir em Quarteira.
Nesta redacção se informa.

— É o carrocel «superstar»!...
Só mais uma voltinha a girar
na valsa do luar!

— É o carrocel «superstar»!...

As crianças
levam a liberdade
de um sorriso a bailar,
voando no ar.

— É o carrocel «superstar»!...

É a flor
de Setembro!
É o sol
de Novembro!
É a criança
de Dezembro!

— É o carrocel «superstar»!...
Só mais uma voltinha a girar
na valsa do luar!

É o carrocel «superstar»!...
São laçarotes a despertar.
São olhos-estrelas
a beber o pregão.
São meninos e meninas
com a riqueza de um tostão.

— É o carrocel «superstar»!...
Só mais mais uma voltinha a girar
na valsa do luar!

Idália Farinho Custódio

MORGADO DA TÔR

QUERENÇA



MARIA INÁCIA DE SOUSA

AGRADECIMENTO

Seus filhos e restante família a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas, vêm por este meio tornar público o seu mais profundo agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada.

VENDE-SE

Prédio com 4 quartos, cozinha, casa de forno com cozinha, cavalariça, alpendre, cisterna e aproximadamente 1500 metros de terreno, com oliveiras, amendoeiras e figueiras, no sítio de Vale d'Éguas (Almancil).

Os interessados deverão dirigir-se a: Maria Manuela Filipe Guerreiro (frente ao Café Caracas em Vale d'Éguas).

(3-1)

AUTOMÓVEL

Ford Cortina 4 portas. Motor com 27000 Km.
Vende-se.

Informa: Rua José da Costa Guerreiro, 148-1.º, Esq.º — LOULÉ.

(3-3)

COOPESCAMAR - Cooperativa de Pesca, Sociedade Cooperativa Anónima de Responsabilidade Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

CERTIFICO: que, por instrumento público, outorgado no dia 24 de Janeiro findo, no Cartório acima referido, foi constituída uma sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada, com a denominação de «Coopescamar — Cooperativa de Pesca, S.C.A.R.L.», com sede em Quarteira, concelho de Loulé, podendo instalar ou manter filiais ou outras formas de representação, quando e onde pareça conveniente, cujo objecto é a promoção social e económica dos seus associados, utilizando para isso todos os meios legais e úteis para tal fim e designadamente:

- Organizar em comum a actividade piscatória por eles partilhada e desenvolvida;
- Adquirir os meios de equipamento e de produção necessários;
- Organizar em comum o escoamento do produto do seu trabalho;
- Promover a elevação do nível social, educacional e técnico dos seus associados; — que durará por tempo indeterminado, com o capital social mínimo de vinte mil escudos, já realizado em dinheiro, representado por acções nominativas no valor de 100\$00 cada uma, sendo o capital míni-

ZUNDAPP

Vende-se uma motorizada Zundapp, modelo «Motobill» em muito bom estado, com 14000 Kms.

Preço: 22 000\$00.

Tratar com Joaquim Cândido — Café «Tico-Tico» — Rua Nova de S. João — QUARTEIRA.

ÀS PASTELARIAS

Vende-se batedeira, usada, em bom estado.

Tratar na Pensão Mira Mar, com o sr. Henrique Braga Reis — QUARTEIRA.

APARTAMENTO

Hotel Dona Filipe precisa apartamento para alojamento do sub-director.

Resposta ao Hotel D. Filipe — Telef. 94141 — ALMANSIL.

mo de admissão de cada sócio de 2 000\$00, sendo necessário no acto de admissão como sócio, o pagamento obrigatório de uma jóia de 500\$00, sendo os seus sócios pescadores, admitidos em Assembleia Geral, mediante proposta da Direcção, de acordo com as condições estipuladas no Regulamento Interno, os quais se podem exonerar da sociedade, mediante pedido por escrito apresentado até trinta dias antes do termo de cada ano social.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 6 de Fevereiro de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

SILVES



FRANCISCO DA CRUZ
MENDES

AGRADECIMENTO

Sua mulher, filhas e restante família profundamente consternados com a perda irreparável do seu ente querido, sentem ser indeclinável dever vir patentear publicamente a sua gratidão a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar e se dignaram acompanhar à sua última morada e às que, por qualquer forma, manifestaram o seu sentimento de pesar.

Queremos assim generalizar o nosso reconhecimento a quantos nos acompanharam na nossa grande dor, pois sentimos a impossibilidade de agradecer directamente a tantos amigos que nos distinguiram com o seu conforto e testemunhos de amizade.

Para todos a nossa gratidão.

DESPERDÍCIOS DE ALGODÃO

PARA LIMPEZA DE MÁQUINAS

CASA CAVES CAMINHA

Av. Rio de Janeiro, 19-B
Lisboa — Telef. 885163

VENDE-SE

CARRO DE PASSAGEIROS

C/ 29 lugares — Usado
Apartado 41 — OLHÃO
(3-1)

PEDRAGOSA — LOULÉ



IDOMÉNIO FELÍCIO APOLO

AGRADECIMENTO

Sua família agradece a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nossos corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

Acidentes de viação

MULHER COLHIDA POR AUTOMÓVEL EM ALMANCEL

Quando atravessava a estrada 125, junto do povo, em Almancel, foi colhida por um veículo ligeiro, HT-89-17, no lado esquerdo do sentido da marcha da viação. Maria Antónia Diogo, de 89 anos de idade, tendo do choque resultado a fractura de uma perna.

O veículo era conduzido por José Belo dos Santos, de 32 anos, comerciante, que tentou antes do sucedido, evitar com uma travagem a fundo o acidente, assim deixa perceber o sulco das rodas deixado no piso.

OCTOGENÁRIO TRUCIDADO PELO COMBOIO EM VALE DE ÉGUAS

Entre o apeadeiro de Vale de Éguas e a Estação de Loulé, em 4 do corrente, foi trucidado pelo comboio 9724, que circulava de Vila Real de Santo António para Lagos, Manuel Inácio Guerreiro, de 84 anos de idade, proprietário.

Segundo revelou o maquinista, aquele octogenário, estava deitado na linha, facto que só tardiamente se apercebeu, impossibilitando-o de frear a tempo a composição.

Pelos rumores dominantes, o sinistrado, devido a partilhas dos seus bens pelos filhos encontrava-se desgostoso, presumindo-se que a circunstância ditara o seu desvairado gesto.

ACIDENTE MORTAL EM VALE JUDEU

Do choque recente entre dois veículos, um ligeiro e outro pesado, ocorrido na estrada 125, ao km 86,3 no sítio Várzea da Mão, em Vale Judeu, resultou a morte da sr.^a Maria da Conceição do Nas-

cimento, de 70 anos de idade, comerciante, que tripulava um Austin, com a chapa de matrícula FS-53-93.

A colisão deu-se com um camião Mercedes, BM-66-05, conduzido por Joaquim Oliveira Fernandes, de 34 anos, comerciante, que depois de ter estacionado frente a um armazém próximo, se preparava para entrar naquela rodovia, já com a parte dianteira dentro da faixa de rodagem.

Ao que se presume, a condutora do auto ligeiro não se apercebeu do facto nem se desviou do camião, pelo que o impacto acamietou a sua montea, no caminho da ambulância para o Hospital de Faro.

Do acidente saiu também com fracturas num braço e perna, a sr.^a Emília da Conceição das Neves Mateus, de 79 anos, que seguia na companhia da inditosa condutora.

SETE MORTOS NO DESPISTE DE UM AUTOMÓVEL

Em consequência do despiste de um automóvel que caiu no rio Arade, junto da Ponte do Gavião (entre Messines e Lisboa), morreram os seus 7 ocupantes.

As identidades fornecidas pela GNR são as seguintes: Domingos Inácio, de 31 anos, natural de Lagos, construtor civil; sua mulher, Fátima Santos Resende, de 23 anos, natural de Almada, dois filhos do Casal, Nuno Daniel e Rui Miguel, respectivamente de três anos e 19 meses; David Jacinto João, de 67 anos, e seus filhos, Joaquim Dias Martins, de 32 e Manuel Dias Gonçalves, de 35 anos.

As vítimas dirigiram-se para Portimão, provenientes de São Marcos da Serra.

SALIR



ANA PAULA VALÉRIO CAVACO



AGRADECIMENTO

Seus pais, irmãos e cunhados e restante família profundamente consternados com a perda irreparável do seu ente querido, sentem ser indeclinável dever vir patentear publicamente a sua gratidão a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar e se dignaram acompanhar à sua última morada e às que, por qualquer forma, manifestaram o seu sentimento de pesar.

Queremos assim generalizar o nosso reconhecimento a quantos nos acompanharam na nossa grande dor, pois sentimos a impossibilidade de agradecer directamente a tantos amigos que nos distinguiram com o seu conforto e testemunhos de amizade.

Para todos a nossa gratidão.

NA RUA DA MARROQUIA

Um fio eléctrico deixado no chão mata dois cães

Isto, que a seguir descreveremos, aconteceu aqui em Loulé, mais precisamente na Rua da Marroquia.

Do percalço (incompreensível ou negligência?) resultou a morte de dois cães. Poderia ter custado a vida de duas crianças. Tal não sucedeu, felizmente, quando não as consequências seriam irreme-

diavelmente outras e, as repercussões, também.

Mas vamos aos factos, que nos foram relatados por um dos moradores daquela artéria.

Há dias andaram funcionários da Federação de Municípios e substituíram fios de distribuição eléctrica, mas, imprevidentemente, pelos vistos, deixaram um cabo no chão que deveriam ter recolhido ou pelo menos isolado do contacto.

Por ali andaram dois cachorros de brincadeira que por certo nele encastraram e, tanto bastou para caírem imediatamente fulminados por uma descarga eléctrica.

Pouco depois o dito fio foi removido porque alguém telefonou a avisar os serviços da Câmara.

Relutamos pensar que em vez dos pobres animais poderia ter encontrado a morte alguma desprevinda criança ou mesmo um adulto, que tivesse a desdita de pisar incautamente, não um fio eléctrico, aparentemente inofensivo, mas uma autêntica ratoeira armada, pronta a ceifar vidas.

Se incúrias há perigosas e condenáveis, esta será uma delas...

VENDE-SE BARATO

Aerodinamo alemão, completo com duas baterias, apto para gerar corrente eléctrica para uma residência e carregar baterias de automóveis e televisão.

Trata Silvestre Henriques — Telef. 62569 — Monte Seco — LOULÉ.

(2-2)

«A Voz de Loulé», 714 de 15-2-79

TRIBUNAL JUDICIAL DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

No dia 30 de Abril, às 10 horas, neste Tribunal e nos autos de execução de sentença n.º 13-B/71 da 2.ª Secção que Fernando Belo de Oliveira Jorge e outro movem contra CLONA — MINEIRA DE SAIS ALCALINOS, S.A.R.L., Loulé, será posta em praça uma máquina britadeira ER-27/30, para ser arrematada ao maior lance oferecido acima de 4 000 000\$00 (1.ª praça).

Loulé, 5 de Fevereiro de 1979.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito
João-Maria Martins da Silva

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

— Há vinte anos, pouco mais ou menos, disse, passou junto da fonte das Romeirinhas, quase à entrada da vila, um homem de Querença, montando na sua jumenta. Eram dez horas da noite, em um sábado, e dirigia-se para a vila. O animal teimou em aproximar-se da pia, junto da Fonte. Já ali, viu uma criança de gorro encarnado sentado no beiral da fonte. Supondo que era alguma criança da vila, aproximou-se e disse: — **Anda cá, menino, levo-te a tua mãe.** A criança, sem dar resposta, deu um salto dentro da fonte e meteu-se por um buraco. Era um moirinho encantado. Foi tão grande o susto que apanhou, que estava já na vila e não podia falar.

— Como se chama esse homem?

— Manuel. Não sei se se é vivo, se morto.

— Estava convencido de que não havia criancinhas encantadas... observei.

— Quando os cristãos entraram em Loulé, muitos mouros foram encantados com toda a família. Supunham talvez que não fosse duradouro o encanto e que voltariam em breve à vida real, pois estavam convencidos de que os marroquinos viessem logo reconquistar a vila.

Haverá vinte e cinco anos, um rapaz, Francisco Anjinho, foi, em uma noite, guardar os figos de umas figueiras por seu pai arrendadas no Pombal. À meia-noite viu ele uma criança de gorro mourisco na cabeça. Apanhou tanto susto, que largou imediatamente as figueiras, e dirigiu-se para a vila, onde chegou mais morto do que vivo.

— Pelo que tenho ouvido há nesta vila muitos mouros encantados.

— Nesta vila e em alguns sítios da freguesia. O senhor não calcula. Todos os pontos do castelo se comunicam subterraneamente. Há alguns anos quando a Câmara procedeu a umas escavações na rua da Corredoiira, foram descobertos uns degraus, que comunicavam para a interior da terra. Toda a gente ficou surpreendida, mas, por quaisquer motivos, cessaram os trabalhos e foi tudo novamente entulhado. Creia que não há uma só casa na Corredoiira que não esteja assente sobre uma abóbada, sob a qual passam as desditosas encantadas. Uma senhora que ali mora, podia, se quizesse, fornecer-lhe bastos apontamentos.

— Quem é essa senhora?

— Não lhe posso responder.

— Disse que na freguesia há também mouras encantadas, pode-me contar alguns casos?...

— Hoje não. É já tarde. Aconselho-lhe, porém, que dê alguns passeios por diversos sítios...

— Por quais?

— Facilmente poderá colher bons apontamentos, dando um passeio até Quarteira, Cabeço de Câmara, Gilvrazinho e quaisquer outros sítios. Aconselho-o ainda...

— O quê?

— Prudência. Dificilmente contamos estes casos a certas pessoas, porque receamos das agressões carnavalescas de quem zomba das mouras encantadas e crê nos bruxedos de toda a espécie.

E o certo é que a senhora Maria da Glória tem muita razão. Mais de uma vez notei em certas pessoas uns ares de incredulidade nas mouras encantadas e nos encantamentos, e que passavam as noites, junto do lar, a repetir, cheias de susto, milhares de episódios de bruxas e feiticeiras.

Despedi-me, até à vista, da minha velhinha e resolvi no dia seguinte dar uns longos passeios pela antiga **Carteia** ou Quarteira, por Cabeço de Câmara e pelo Gilvrazinho. Com esta ideia deitei-me, e sonhei durante a noite em mouras encantadas, que me apareciam, a cada momento, em qualquer canto das ruas desta vila.

No íntimo desejo de colecção tudo o que constasse, não me poupei a qualquer incómodo. Tenho a convicção de que tudo apurei.

*
*
*

Quarteira, há uns cinquenta anos, era uma pobre aldeia de pescadores, com poucos edifícios de pedra e barro, e composta na sua maior parte de cabanas de junco. Hoje já tem alguns prédios e ruas, e caminha galhardamente pela senda do progresso.

Ainda assim longe está da sua grandeza primitiva, pois que, segundo os melhores escritores, foi **Carteia** situada no mesmo lugar, onde hoje está Quarteira, ou **Carteia**!

Foi **Carteia** povoação marítima e famosa pelas suas pescarias e marinhas, no tempo dos Fenícios, Cartagineses e Romanos. Neste porto se refugiou Lúlio com a sua armada depois que Cipião Africano tomou Cartagena; e para aqui se retirou o filho de Pompeio, vencido por César, perto de Munda.

PEDAÇOS DE VIDA

texto e presença de
JOSÉ MANUEL MENDES

«OS CORVOS»

A vida de um indivíduo, é geralmente preenchida por boas e por más recordações. Esquecem-se mais facilmente as primeiras, até porque há quem diga, que o que é bom acaba-se depressa. Mais difíceis de apagar, as segundas, são como amargos de fel que nos tolhem o apetite e a vontade de viver. Mas todos estes, são o reflexo de uma tomada de posição no horizonte social, que o indivíduo toma por opção, e que, vai inevitavelmente colidir com opções de sinal contrário.

Isto, passa-se a todos os níveis sociais. São cicatrizes que ficam, umas que se vão lentamente apagando, outras que nunca chegam a sarar pelos tempos fora. Infelizmente, todos os indivíduos têm que passar pelos seus infernos específicos, e a Humanidade é um complexo de contradições, ataques, raivas e raivinhas, pessoais e colectivas, globais e mesquinhas, fundamentadas e injustas.

Particularmente, já levei alguns pontapés psicológicos, daquelas bicadinhas que dão aqueles corvos nojentos que sempre espreitam a oportunidade de sujar com a sua baba pestilenta, o trabalho honesto e a fogueira das intenções de quem quer fazer coisa que modifique o marasmo, que transforme a inação, que revolucione a mediocridade, que ponha uma bomba de competência, bem no meio de toda esta máquina infernal da burocracia asfíxiante que nos determina, da demagogia despedaçada que nos cerceia, e a desfaça em mil e um bocados de poeiras inúteis.

Esses corvos corcundas e impotentes mentais, abundam um pouco por toda a parte, enchendo o vazio dos cafés, a taracha dos comícios, o absurdo vaidoso dos cocktails. Eles são alfaiates à medida deles e medem os outros, e tudo o que os outros fazem, pelo seu padrão restrito, pela sua medida de incrível distorção, pela sua mentalidade de pigmeus habitantes da chamada crítica mundana, ou social ou política, ou seja lá o que for.

Utilizam como principais armas, a intransigência, o sarcasmo, vulgo gozo, a ironia, e principalmente, a intriga. Dez réis de gente, sem autoridade moral nem para justificarem em sua própria casa, arvoram-se em autênticos carrascos ao serviço da opinião pública, dilaceram e ultrajam desde as

figuras públicas, vultos importantes, até ao normalíssimo cidadão, como quem retrai um boneco de palha, como quem cospe na calçada, como quem lida com bichos.

Clamam e chamam corrupção a tudo e a todos que lograram atingir uma imagem, uma notícia de primeira página, uma posição governamental, mas esquecem-se, esses corvos, que a corrupção começa também cá por, debaixo deles próprios, imiscuída nos seus defeitos e frustrações miúdas, nas suas taras de comentadores de falso humor, de calunias de piadas anónimas, de intermediários do diz-se, do ouve-se, do fala-se, do conta-se. Pobres corvos, que tão depressa dão bicadinhas, como logo encolhem a cauda, mal são chamados a prestar responsabilidades.

Sei, e tenho perfeita consciência disso, que o acto de escrever representa uma opção permanente, que agrada a uns e desagradará a outros. Gregos e troianos são bichos inconciliáveis também cá por estes burgos.

Mas, quando se escreve e se relata a verdade e se reflecte com honestidade, não tem o escritor que temer reacções adversas.

Sei, por outro lado, que todo o homem é de carne e osso, e muitas das vezes, (depende dos feitos, do carácter), tem maior impacto uma opinião injustamente adversa, que cem palmadinhas de aplauso. Apetece desistir. Mas que caminho cómodo e facilitado!

E, perguntamo-nos então se valerá a pena escrever para um pequeno jornal de província, e expor-mo-nos por aquilo que, aparentemente, parece tão pouco. E o dilema aparece entre aqueles que nos empurram e nos acarinham, e a voracidade insaciável dos corvos que, também aqui, ao nosso lado, paredes meias connosco, espreitam a oportunidade para os seus voos de rapina.

Felizmente, já tenho alguma experiência formada, em vários sectores e aspectos da vida, e, como me referi no princípio, já levei alguns pontapés psicológicos, para me incomodar com as bicadinhas inofensivas de qualquer corvo vermelho, preto ou amarelo, bem como, manda a verdade que o diga meço pela mesma medida os corvos que esvoaçam com outras cores. Um corvo, é um corvo em toda a parte!



PROBLEMAS ACTUAIS

Sr. Director de «A Voz de Loulé»

Com o título acima, publicou este semanário na sua primeira página de 1-2-79 um extenso artigo da autoria do sr. Helder Rodrigues, o qual se mostra em pleno desacordo com as pretensões louletanas, quarteirenses e, em especial, as algarvias.

Naturalmente que estamos em Democracia, como tal teremos que aceitar as opiniões aheias. Mas, e por isso mesmo, estranhámos que um louletano que se diz ser e algarvio por obrigação, se mostre publicamente contrário às ambições da sua região.

Aceitamos perfeitamente, que o fim em vista seria unicamente o não concordar com a promoção de Quarteira, daí, que tente comparar um Estoril. Quem poderá duvidar que foi precisamente a

zona do Estoril que travou durante muitos anos a expansão turística algarvia? Quem poderá duvidar de que têm sido e continuam sendo, alguns louletanos os responsáveis pela mediocridade agora apresentada a esta Quarteira? Como já foi afirmado, os quarteirenses não estão interessados em constituir concelho, apenas vila. Assim, Loulé não perderá a sua principal freguesia, mas não serão os quarteirenses que se irão opor à promoção da sua real Acredite o sr. Helder, que se a Quarteira tivesse recebido de Loulé o mesmo amparo que o Estoril recebeu de Cascais, sem dúvida que não teria o mínimo interesse em passar a vila. Infelizmente tal não aconteceu. Quarteira cresceu pelos seus próprios meios, e possui a natural ambição de ser vila, ambição motivada pelas circunstâncias, que

todos os Helderes do concelho não poderão evitar!...

Cidade de Loulé? Porque não? Que inconvenientes para quem abandonou a sua terra e vive na zona lisboeta? Aliás a ambição de Loulé passar a cidade não é recente, nem constitui um caso raro. Ainda agora Torres Vedras aceitou a sua promoção de braços abertos, pois sendo certo que para alguns, mais uma grande vila, do que uma pequena cidade, não será menos certo e aceitável, que para outros poderá ter mais interesse uma pequena cidade do que uma grande vila. Tudo depende do orgulho bairristico de cada cidadão e muito especialmente a evolução dos tempos.

Universidade do Algarve. Quantos mais algarvios que se orgulhem de o ser, estarão contra este sonho de longa data? Será que a descentralização é inviável? Ou será que não se perdeu ainda os hábitos do antigamente, de cada um que se governe, que eu já estou?

Já lá vai o tempo em que as pessoas morriam sem ver o com-bóio. Que só conhecia Lisboa quem era estudante. Que só estudava quem pertencesse à classe privilegiada, etc. Daí também, que, alguns dos formados, estejam contra as novas Universidades, não estejam de acordo com a criação de novas cidades, ou vilas.

Ora, admitindo que os responsáveis pela promoção de cidades ou vilas e criação de novas Universidades, são dotados com este antigo conservadorismo, adeus minhas encomendas, teremos que os correr à pedra, ou esperar que eles morram, para termos Universidade no Algarve, Loulé na categoria de cidade e Quarteira em vila!

M'NONE

MANUEL FARIA

Será verdade?

Muito recentemente correu célebre por toda a Vila e arredores de que ia promover-se um almoço de homenagem a uma ilustre personalidade local.

E os amigos perguntaram-se uns aos outros: não vais à homenagem?

E as repostas eram as mais disparas: «qual homenagem», «a quem», «porquê», «isso é uma cretinice», «não sabia», «tenciono ir, porque considero justa», etc.

Depois do almoço surgiram os comentários: «aquilo foi tão bom que a festa se prolongou acabando por ter também jantar» o que fez «criar água na boca de alguns glutões e invertebrados apreciadores do bom vinho, do bom queijo da serra e dos apetitosos cabritos serranos, regados com excelente whisky

Dos discursos proferidos parece que houve uma certa sintonia como «antigamente» e com aquela velha expressão popular que comenta o encontro entre 2 amigos: «Só há duas pessoas boas no Mundo; uma é o meu Compadre e a outra o meu Compadre dirá quem é».

E isto a propósito da actuação de um pequeno grupo de pessoas oficialmente responsáveis e cujo prestígio ficou recentemente ainda mais abalado, em consequência de erros cometidos e que os próprios reconheceram ter praticado.

No entanto, como há todo o interesse em «recuperar» o prestígio dessas pessoas, pareceu oportuno fazer-lhes uma homenagem (embora com carácter indirecto) para lhes levantar o ânimo e desmentir o que afinal se sabe ser inteiramente verdade.

Porém, o que há de mais paradoxal nesta notícia é o facto de se dizer que os promotores da homenagem foram exactamente alguns acusadores dos visados e daí a razão porque duvidamos dos comentários que se espalharam pela vila e freguesias do concelho.

Dr. Agostinho Pontes de Sousa Inês

A fim de presidir a um julgamento colectivo, esteve há pouco em Loulé o nosso conterrâneo e dedicado assinante sr. Dr. Agostinho Manuel Pontes de Sousa Inês, Juiz Corregedor do Círculo Judicial de Faro, para onde foi transferido recentemente, após ter desempenhado as funções de Juiz da Comarca de Beja, e depois de ter estado nesta cidade em Comissão de Serviço como Juiz Corregedor — Presidente do Círculo Judicial de Beja, com apenas 39 anos de idade, o que nos leva a supor que será o mais jovem Juiz Corregedor do País, circunstância que justifica as nossas felicitações e desejos de feliz prosseguimento da sua já brilhante carreira, profissional.

«Cala a boca Batistal!» As vezes nem tudo serão casamentos de baixa conveniência política. Depois da cintura industrial do marisco surge entre nós a cintura rural do cabrito.

Eleições à vista. Há que salvar falsos prestígios de partidos que se perderam e tentar recuperar — sob o diáfano manto da fantasia — o princípio de que o sr. fulano é que é bom e que sem ele será o dilúvio. Eis a estratégia do caciquismo, do clientelismo e do fulanismo político, ou seja a mixórdice. Para quê? Para levar o desesperado Zé Pagante a votar na mediocridade de homúnculos com pés de barro — vermelho ou azul, tanto faz.

DE FARO A ALMANCIL UMA CARTA LEVOU PARA SER ENTREGUE... 84 DIAS!

Parece incrível mas é verdade: uma carta expedida de Faro, através dos Correios, foi entregue ao destinatário 84 dias depois, isto é, mais 4 dias do que a viagem

descrita na «Volta ao Mundo em 80 dias», por Júlio Verne (1828-1905)!

Isto faz-nos supor que nos fins do século XIX, a dita carta, se fizesse o périplo pelo globo terrestre, consumiria menos tempo.

Voltando aos factos e ao caso acima aludido, a carta, a que nos referimos, foi remetida ao sr. João André Camide, em Almansil, no dia 29 de Novembro de 1978, assim revela o carimbo apostado pelos Correios de Faro, e colocada no seu Apartado, em Almansil, a 23 de Janeiro de 1979.

O envelope encontra-se em nosso poder e o chefe dos CTT de Almansil foi oportunamente informado do sucedido.

HOTEL D. FILIPA

APETRECHADO COM MÁQUINA DE LIMPEZA DE PRAIAS

Com o objectivo de colaborar com a Comissão Regional de Turismo no sentido de manter as nossas praias limpas, também o Hotel D. Filipa acaba de adquirir uma moderna máquina de limpar a praia de Vale Lobo, a qual serve não apenas aquele Hotel como também uma das mais preferidas e belas zonas turísticas do Algarve.

Considerando a extensão da costa algarvia e o grande movimento que todas as praias registam diariamente durante a época balnear é muito natural que apenas uma máquina adquirida pela C.R.T.A. seja insuficiente para atender a todas e por isso é de louvar a iniciativa da Direcção do Hotel D. Filipa.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Sessão Ordinária

No dia 17 do corrente, pelas 14 horas, na Sala das Sessões do Município, proceder-se-á à instalação do Conselho Municipal;

Realiza-se no mesmo dia, pelas 15 horas, na Sala das Sessões do Município, uma Sessão ordinária desta Assembleia, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciação da proposta de alteração aos preços da água;
- 2 — Assuntos de interesse local.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA,

Domingos Chagas